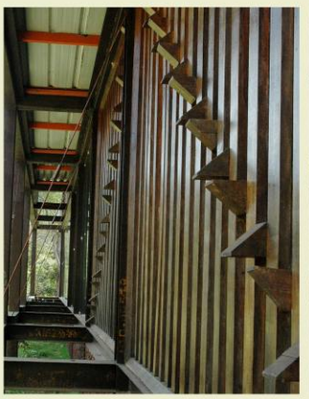
BEM INFORMADO
BELO HORIZONTE
FEVEREIRO DE 2011
ANO 04 | Nº 37

IEPHA
GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Marca da contemporaneidade na paisagem urbana

_____ página 04



Os detalhes são peça fundamental para encantar o olhar nos projetos que trazem a marca inconfundível do arquiteto mineiro Éolo Maia

PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

Você conhece?

_____ Confira na página 08

Entrevista: Coordenadora do Inventário do Patrimônio Cultural do Memorial da Arquidiocese de BH fala sobre a salvaguarda do patrimônio sacro mineiro

_____ páginas 06 e 07

Custódia da Boa Viagem, em BH, guarda interessante curiosidade

_____ página 10

Impresso Especial
7397091256-DR/MG
IEPHA/MG
CORREIOS

Editorial

| Conhecimento, conscientização e restauração são fundamentais para salvaguarda

A restauração de bens tombados é um dos focos nesta edição do Bem Informado. A Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em Alto Maranhão, distrito de Congonhas do Campo, teve sua segunda etapa de obras finalizada, num trabalho de recuperação de seus elementos artísticos que trouxe algumas surpresas. Pitangui também comemora o término de mais uma fase de obras de restauração de importante templo para a comunidade local, a Capela de São Francisco. Os trabalhos contaram com a participação de ex-alunos do curso de Arquitetura da Terra: resgate de técnicas tradicionais de construção, ministrado pelo Iepha.

Na entrevista, a professora Mônica Eustáquio Fonseca, coordenadora do Inventário do Patrimônio Cultural, do Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte – criado em 2005 e que ganhou sede própria no ano passado –, fala sobre o interessante trabalho realizado pela instituição, para salvaguarda do patrimônio cultural sacro mineiro e de sua paixão pela atividade. Além das diversas iniciativas desenvolvidas pelo Memorial, ela destaca os trabalhos feitos em parceria com os órgãos de proteção do patrimônio, entre eles o Iepha.

A visão contemporânea de patrimônio cultural também está presente na edição numa homenagem ao arquiteto mineiro Éolo Maia, reconhecido nacional e internacionalmente por deixar sua marca em projetos de edificações instigantes e ousados.

A edição traz ainda um rico texto do pesquisador do Iepha, Tarcísio de Guadalupe Sá Ferreira G., sobre a custódia da Catedral da Boa Viagem, em Belo Horizonte, em que ele faz, inclusive, a revelação de uma interessante curiosidade. Em Barão de Cocais, visitas ao núcleo histórico e ao sítio arqueológico locais, além de entrevistas feitas por estudantes das escolas municipais com antigos moradores marcaram a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural 2010, como pode ser conferido nesta publicação.

O tema da iconografia é São Brás – conhecido como protetor dos males da garganta e de todos os que usam a voz como instrumento de trabalho – cujo dia é comemorado em 3 de fevereiro. Na seção Bem Tombado, a edição mostra as singelas Capela de Nossa Senhora do Rosário e Ermida de Santa Efigênia, em Sabará. Os templos, localizados em singular paisagem natural e remanescentes do antigo núcleo de mineração aurífera da Vila de Cuiabá (distrito de Mestre Caetano), são o pouco que sobrou do povoado extinto.

Uma boa leitura!

Beatriz Teixeira de Salles
Editora

Peças Desaparecidas

A imagem de Nossa Senhora do Amparo, padroeira de Brejo do Amparo, distrito de Januária, foi furtada da igreja local em setembro de 1987. Segundo descrições, a peça em madeira tem cerca de 1,20m de altura, manto azul e branco e traz um Menino Jesus nos braços. Não se sabe ao certo de quando é datada, mas, segundo informações de moradores, a imagem é do século 18.

Informações pelo telefone (31) 3235-2800 ou pelo faleconosco no site do Iepha/MG.

Reprodução

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Governador: Antônio Augusto Anastasia
Vice-governador: Alberto Pinto Coelho

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
Secretária: Eliane Parreiras

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS
Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças: Mônica S. Grosso Avelino

BEM INFORMADO – INFORMATIVO DO IEPHA/MG

Textos e edição: Beatriz Teixeira de Salles (MG 03802JP)
Textos: Érika Santos (MG 012987JP), Ludymila Toledo (MG 11656JP)
Diagramação: Ludymila Toledo
Fotos: Izabel Chumbinho
Impressão em papel Reciclato 90g/m³ - Tiragem: 2.600 exemplares - Periodicidade: mensal
Impressão e acabamento: Rona Editora

«Nossa missão é garantir à sociedade a acessibilidade e a fruição do patrimônio cultural, por meio da preservação, valorizando e respeitando a diversidade cultural de Minas Gerais».

Praça da Liberdade, s/nº - 4º andar | CEP: 30140-010 Belo Horizonte - MG
Tel: 31 3235.2800 | Fax: 31 3235.2858 | www.iepha.mg.gov.br
Envie sua sugestão para: jornal@iepha.mg.gov.br

Mais uma etapa termina em Alto Maranhão

Fotos Acervo Iepha/MG

O Iepha finalizou, em dezembro do ano passado, a segunda etapa das obras da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, no distrito de Alto Maranhão, em Congonhas do Campo. A edificação, que já passou por recuperação estrutural e de cobertura, agora teve restaurados diversos elementos artísticos integrados do altar-mor, retábulo-mor, presbitério, arco cruzeiro, portas laterais, piso da capela e da nave, mesas do altar e uma imagem do Cristo Morto.

Segundo Yukie Watanabe, gerente de Elementos Artísticos do Iepha, a obra trouxe grandes surpresas, e a última delas foi o camarim onde, por trás de pinturas com motivos florais, foram descobertas pinturas de cabeças de querubins circundando uma nuvem. Outro ponto importante da restauração foi a recolocação do forro decorativo da capela-mor, recuperado em 2009 depois de 23 anos desmontado. "A igreja estava toda repintada, inclusive as mesas do altar, e era importante que se fizesse a integração do forro com os elementos que restaram. E conseguimos, ficou muito harmônico", relata Yukie.

Durante as obras foram achados pedaços de talha de madeira que, a princípio, poderiam pertencer ao retábulo original. Também foi descoberta uma assinatura em uma tábua de cimalha, onde se lê "Francisco Detrás".

Ainda existem muitas surpresas a serem descobertas em Alto Maranhão. Para este ano está previsto o início da terceira etapa, que deve abranger a restauração de todos os elementos da nave (retábulo, coro e forro) e sacristia (retábulo e lavabo).

| Reconhecimento

^^ Jovens da comunidade participaram da restauração

Desde a primeira etapa, em 2008, três jovens moradores da comunidade participaram do trabalho de restauração do forro e dos elementos artísticos da igreja (Bem Informado nº 26 – Nov/2009). Como reconhecimento pelos serviços prestados, o Iepha concedeu a Gilberto Mateus Clemente Trindade, William de Paula Vieira e Rafael Mendes Pinto certificados atestando o trabalho como auxiliar de restauro. "Eles aprenderam bem, fizeram um excelente trabalho e, para uma próxima etapa, esperamos contar com eles. Essa iniciativa é boa porque traz a comunidade para dentro da restauração e a conscientização sobre a importância e os cuidados com os bens recuperados fica mais fácil", avalia Yukie.

| Inspiração musical no forro

O conjunto de painéis do forro da capela-mor revela inspiração musical, consistindo num hino de louvor a Maria, por meio de uma ladainha – ou litania. A peça iconográfica de Alto Maranhão apresenta 25 belos quadros, organizados em um forro executado por artesãos, com caixotões montados em gamela, com cinco fileiras de cinco quadros cada uma. São 25 telas, incluindo uma cuja representação se perdeu.

<< O forro é composto por 25 painéis, sendo que a pintura de um deles não pôde ser recuperada

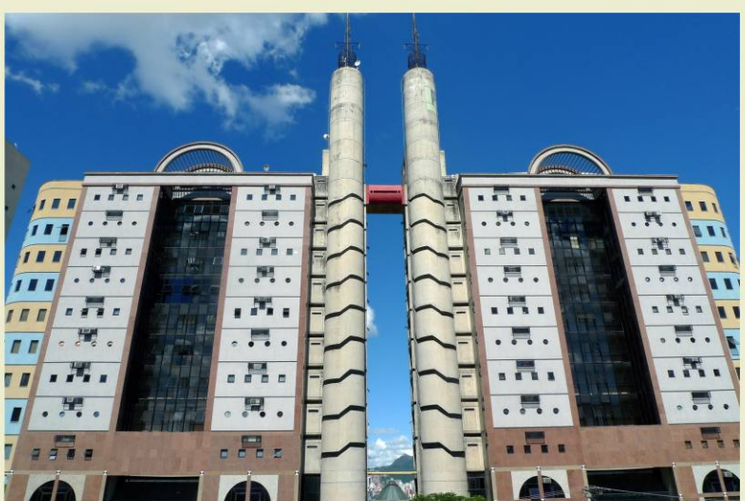
Arquitetura feita com prazer

Officenter (BH), projeto de 1989, em parceria com Jô Vasconcellos

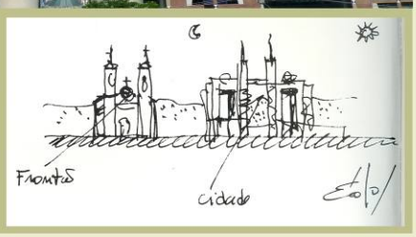
Conhecido como um dos expoentes da arquitetura mineira e reconhecido nacional e internacionalmente, Éolo Maia deixou sua marca na paisagem urbana da capital mineira e de outras cidades espalhadas por aí. Casado com a também arquiteta Jô Vasconcellos, com quem dividiu a autoria de vários de seus arrojados projetos, Éolo usou toda a sua inquietude para criar edificações que não só instigam o olhar do observador, mas também enriquecem o patrimônio cultural das Minas Gerais.

Éolo Maia foi premiado no Brasil e no exterior, realizou inúmeras exposições individuais de arquitetura, inclusive em Buenos Aires, e também participou de bienais internacionais, como as de Paris, Berlim e Barcelona, além de ter tido trabalhos expostos na mostra *Brasil Auto-retrato*, em Zurique.

Nesta edição, o **Bem Informado** mostra algumas obras com a assinatura do arquiteto que faleceu em 2002 e era considerado por muitos como pós-moderno, título que rebatia, como disse em entrevista assinada por Silvério Rocha e publicada pela revista Projeto Design, em maio de 2002: "Não me classifico como nada, porque não tenho nada predeterminado, só sei que quero fazer arquitetura com prazer e contemporaneidade".



As igrejas coloniais mineiras inspiraram o projeto do Centro Empresarial Raja Gabaglia (BH), feito em parceria com Jô Vasconcellos, entre 1989 e 1993



Edifício Le Corbusier (BH), projeto de 1991, em parceria com Jô Vasconcellos

Rainha da Sucata (BH), projeto de 1984/85, em parceria com Sylvio Podestá

Capela Santana (Fazenda Pé do Morro, em Ouro Branco), projeto de 1978 em parceria com Jô Vasconcellos

Capela em Pitangui tem mais uma fase de restauração finalizada

Fotos Acervo Iepha/MG

A população de Pitangui, a 125 quilômetros da Capital, está em festa. O Iepha finalizou mais uma etapa das obras de restauração de um dos ícones da cidade: a Capela de São Francisco.

Fechada desde 2002, a edificação começou a ser restaurada no final de março de 2010. Para isso, foram investidos R$ 402 mil na recuperação de toda a estrutura interna, além de remoção e substituição de todo o reboco interno e externo; substituição dos pés-de-esteio e de peças de madeira da estrutura autônoma; revisão de todo o engradamento do telhado – com substituição parcial do entelhamento –; recomposição do ladrilho da nave; recuperação dos pisos do coro, do camarim e de seu acesso; execução de um banheiro e de uma área de serviço na sacristia; colocação de uma manta entre as telhas de toda a cobertura, instalação de alarme de incêndio, embutimento da rede elétrica, substituição de madeirame e do pináculo da torre; substituição dos vidros da esquadrilha e instalação de telefone.

Entre os trabalhadores da restauração, dois participaram do curso *Arquitetura de Terra: resgate de técnicas tradicionais de construção*, promovido pelo Iepha no primeiro semestre de 2009. O objetivo foi justamente capacitar profissionais para o cuidado específico na restauração de imóveis históricos, garantindo que os bens sejam preservados sem que haja descaracterização.

Valdeci Souza Rego participou do curso junto com seu filho, Jonathan Severiano, e atuou na obra. "Eu já trabalhava com restauração há quatro anos, mas o curso me possibilitou aprimorar a técnica e, com isso capacitar meus colegas", revela Valdeci. Jonathan, que também já trabalhava com restauração, está pensando além: "O curso me deu mais prática e agora quero aperfeiçoar minha técnica fazendo outras especializações".

Segundo Maria Helena Maia Gouthier Caldas, diretora do Departamento Municipal de Educação e Cultura de Pitangui, a comunidade tem uma identificação muito forte com a edificação. "A capela ficou muito tempo fechada e as pessoas sempre perguntam quando ela vai reabrir. E agora que muita coisa já foi feita, ficamos muito satisfeitos", revela.

O carinho da população pela capela é tamanho que, segundo Maria Antônia, secretária paroquial da Matriz, muitas noivas querem se casar nela. "Quando vêm marcar o casamento, elas falam que gostariam que a restauração acabasse a tempo de realizar a cerimônia lá", revela.

A restauração já traz frutos para a cidade. A Praça Dr. Isauro Epifânio, onde está localizada a capela, também será restaurada e se unirá ao adro. "A proposta é transformá-la de praça de serviço para espaço de convivência, onde haja apresentação de grupos de seresta e teatro. A nossa expectativa é que, em setembro, realizemos a 2ª Mostra de Cinema lá", relata Maria Helena.

| Orgulho pitanguiense

A praça Dr. Isauro Epifânio é o ponto mais alto do bairro e fica bem próxima ao centro de Pitangui. Intimamente ligada à história do município, tendo sido palco de vários acontecimentos importantes. Era conhecida anteriormente por Alto das Cavalhadas, local de parada de viajantes, de reunião para discussão de assuntos políticos e fatos importantes do cotidiano local.

A Capela de São Francisco é o segundo templo religioso mais importante de Pitangui, sendo superada apenas pela Igreja Matriz do Pilar, e chegou, inclusive, a abrigar as principais festividades religiosas da cidade durante a reconstrução da Matriz, incendiada em 1914. Construída segundo o padrão arquitetônico das principais igrejas mineiras do século 18, foi erguida entre 1850 e 1873, por iniciativa de Ignácio Joaquim da Cunha, a partir de projeto assinado pelo frei Eugênio Maria de Gênova.

O relógio, trazido de Portugal, data de 1811 e o sino, de 1862. Em 1924, passou por sua primeira reforma, no telhado. Em 1946, estando sua conservação bastante precária, o padre Olavo Ferreira Araújo organizou uma comissão encarregada de reformá-la. Devido à falta de verba para a realização de todos os reparos necessários, a obra se arrastou até 1954.

ENTREVISTA

Rico acervo da Arquidiocese de BH tem guardiã dedicada

Graduada em História pela UFMG, com mestrado em Letras pela PUC Minas e professora de História da Arte. Essa é Mônica Eustáquio Fonseca, entrevistada do ***Bem Informado*** *deste mês. Coordenadora do Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte desde 2005, quando foi convidada pelo arcebispo de Belo Horizonte, dom Walmor Oliveira de Azevedo, ela tem verdadeira paixão pelo que faz.*

Nessa entrevista, Mônica nos fala sobre o acervo das igrejas mineiras, parcerias com órgãos de patrimônio, a participação da Arquidiocese na Jornada Mineira do Patrimônio e o trabalho de conscientização das comunidades.

A Igreja Católica possui relevante acervo colonial, representado pelos seus templos religiosos, bibliotecas e arquivos eclesiásticos. Como a Arquidiocese de Belo Horizonte, com 28 municípios, protege o seu patrimônio?

Primeiramente, é preciso frisar que este acervo não se constitui apenas pela valiosa herança do período colonial. Temos obras de períodos mais recentes de excepcional importância. Só para situar, cito a Capela Curial de São Francisco de Assis, na Pampulha, que todos conhecemos e sabemos avaliar como obra máxima de nossa arquitetura e arte modernas. Outros exemplos que não poderiam ser esquecidos são a incrível e excepcional Igreja Nova das Romarias, situada na Serra da Piedade, projeto do dr. Alcides da Rocha Miranda, e a belíssima imagem da Pietà, de Alfredo Ceschiatti, fundida em bronze e para lá doada.
Enfim, o patrimônio cultural-artístico da Arquidiocese de Belo Horizonte vai muito além do acervo colonial, apesar de sua inegável excelência. Voltando à sua pergunta, a Arquidiocese de Belo Horizonte vem produzindo há algumas décadas um trabalho de reflexão, orientação e exortação relativos ao seu patrimônio cultural, que tem como objetivo sensibilizar o clero e a comunidade católica para a importância de sua salvaguarda. Já em 1926, pouco tempo após a criação da Arquidiocese de Belo Horizonte, em Documento do Episcopado Mineiro dirigido ao clero e aos fiéis, fazia-se uma profunda reflexão sobre o patrimônio cultural da Igreja em Minas Gerais, exortando e instruindo para sua conservação e guarda. Mais recentemente, o arcebispo metropolitano, dom Walmor Oliveira de Azevedo, criou o Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, organismo que engloba quatro setores – o Arquivo Arquidiocesano, o Inventário do Patrimônio Cultural, o Museu Arquidiocesano de Arte Sacra e o Centro de Promoção e Divulgação Cultural e Religiosa, com múltiplas funções, integrados pela preocupação com a salvaguarda deste valioso patrimônio cultural.

Identificando-se necessidade de restauração, já existe algum projeto para recuperação do acervo?

Desde que identificados problemas que coloquem em risco a integridade dos bens, sejam eles materiais ou de outra ordem, são tomadas providências que consistem no acionamento dos órgãos de patrimônio nas diferentes esferas, federal, estadual ou municipal, de forma a somar esforços e ampliar as possibilidades de ações ágeis e concretas. O Iepha/MG tem sido um parceiro de primeira hora, com o qual podemos contar para a construção de conhecimento; realização de ações de vistoria e elaboração de laudos que apontam os problemas e indicam as providências que precisam ser adotadas; elaboração de projetos de intervenção para restauração ou conservação; educação patrimonial etc. Atualmente, temos alguns projetos em andamento, dos quais poderia citar o caso da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Sabará, cuja captação de recursos para a terceira fase de restauração encontra-se em andamento. Tentaremos agora, após identificar os graves problemas que afligem as igrejas do município de Belo Vale, concorrer às Leis de Incentivo para dar início à sua recuperação. No ano passado, após a inventariação realizada por equipe do Iepha/MG de cerca de 300 peças sacras roubadas, apreendidas há mais de 40 anos e guardadas em depósito da Polícia Civil, pudemos, mediante determinação judicial, reavê-las para o acervo da Igreja, encontrando-se elas hoje acauteladas no Memorial, à espera de tratamento de conservação para iniciarmos sua exposição, visando encontrar seus verdadeiros locais de origem e devolvendo-as às suas paróquias. Ou seja, as ações têm sido diversas e múltiplas, empreendidas, todavia, com a cautela necessária a um trabalho tão importante e necessário.

Há cerca de um ano está em funcionamento o Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte. Qual o balanço que você faz do trabalho desenvolvido pelo Memorial?

Em primeiro lugar, é necessário proceder a uma correção: o Memorial foi criado há cinco anos pelo arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, dom Walmor Oliveira de Azevedo, pelo Decreto no. 04G/2005, de 22 de agosto de 2005. No entanto, desde então não havia sido possível reunir sob um mesmo teto os diversos setores que o constituem para realização de um trabalho mais integrado e cooperativo. Isto se deu em 2010, mais precisamente no dia 16 de abril, quando foi inaugurado o prédio situado à Praça Duque de Caxias, 500, em Santa Tereza. A partir daí, foram definidas áreas mais concretas de atuação, com uma centralização administrativa, necessária para maior eficiência dos trabalhos. Os setores já implantados puderam, assim, dispor de melhor infraestrutura para sua atuação, especialmente o Arquivo Arquidiocesano e o Inventário do Patrimônio Cultural, desenvolvendo diversas atividades que marcam a vida deste novo lugar.
Poderia relacionar a exposição comemorativa que marcou os 100 anos do segundo arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, já falecido, dom João Resende Costa. Vale lembrar a participação na II Jornada Mineira do Patrimônio Cultural, conduzida pelo Iepha/MG, em que ampliamos nosso raio de atuação, envolvendo 12 igrejas de diversos municípios para visitas guiadas. Dentro da Jornada, montamos uma exposição de Arte Sacra, em convênio com a Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, intitulada *Do Vale à Montanha: Cidade e Religiosidade. Os Espaços do Sagrado em Belo Horizonte – Eixo Sul*, que ora se apresenta no Museu Histórico Abílio Barreto. No final do ano de 2010 firmamos uma parceria com a Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam/MG), realizando mostra de arte sacra no espaço expositivo do Memorial, cujas obras executadas pelo artista autodidata Oceano Cavalcante aproveitam resíduos sólidos, resultando em incrível beleza e plasticidade. De sorte que podemos falar de avanços que, no entanto, apontam para a necessidade de renovados esforços que assegurem a salvaguarda do rico patrimônio cultural de que somos herdeiros.

Como coordenadora das ações da Arquidiocese durante a Jornada Mineira do Patrimônio, como você avalia o envolvimento da comunidade?

No âmbito da Arquidiocese de Belo Horizonte, as ações integradas à Jornada Mineira do Patrimônio Cultural vêm sendo conduzidas pelo Inventário do Patrimônio Cultural, que tenho a responsabilidade de coordenar. A recepção ainda é tímida, dada a importância do projeto e dos bens que envolve, mas acreditamos no processo educativo, cujos resultados não são sempre imediatos. Os primeiros frutos começam a surgir.

Em vista de grande parte do acervo histórico artístico de Minas Gerais estar nas igrejas católicas, os sacerdotes recebem algum tipo de orientação sobre como melhor preservar esse patrimônio? E junto à comunidade, é desenvolvido algum trabalho de conscientização?

Em 2010, de 26 a 28 de outubro, realizamos o I Seminário Igreja e Bens Culturais – Evangelização e Preservação, uma parceria entre a CNBB/Regional Leste II e o Iphan/MG. Neste seminário, voltado de maneira mais direta para os bispos, sacerdotes, seminaristas e leigos católicos, além de técnicos atuantes na área de patrimônio cultural – arquitetos, arquivistas, bibliotecários, restauradores, historiadores, etc. –, foram discutidas questões da mais alta importância para a salvaguarda do patrimônio cultural da Igreja: os cuidados com documentos, livros e tudo aquilo que compõe os arquivos eclesiásticos; a urgência e necessidade da constituição de comissões de bens culturais no âmbito das paróquias, cujo papel é, em primeiro lugar, o conhecimento de seu patrimônio e a adoção de medidas necessárias para a sua salvaguarda; as modalidades de incentivos para a salvaguarda do patrimônio cultural, as prerrogativas necessárias à sua obtenção e a legislação que rege estes processos, etc. Ou seja, foram propostos e debatidos temas fundamentais cujo objetivo foi destacar aspectos que precisam estar na pauta de todas as discussões e ações da Igreja a partir de agora.
Como documento resultante deste Seminário, foi publicada uma Carta de Intenções que traz, entre outros pontos, a exigência da "definição e organização de um espaço físico que seja referência e ponto de atendimento para os interessados na salvaguarda do patrimônio sacro, artístico, histórico e cultural da Igreja; a introdução no currículo de formação dos seminaristas de disciplina dedicada ao importante tema da salvaguarda e da criação de novas produções de patrimônio sacro, artístico, histórico e cultural da Igreja, além da formação continuada dos clérigos e, de modo especial, daqueles que serão os responsáveis pelo expressivo patrimônio cultural da Igreja". Esta iniciativa terá, a nosso ver, dentro de um prazo médio, repercussões muito positivas, conduzindo à criação de um elenco de atores predispostos mais positivamente, mais atentos e preparados para atuarem na salvaguarda do patrimônio da Igreja. Seus desdobramentos, certamente, repercutirão nas comunidades nas quais os sacerdotes e leigos envolvidos atuam e atuarão.
No entanto, ações mais urgentes vêm sendo conduzidas. Entre elas, aproveitando a abertura que a Jornada Mineira do Patrimônio Cultural permite, começamos a estabelecer convênios com as secretarias de Educação dos municípios que a Arquidiocese de Belo Horizonte envolve, visando preparar o corpo docente para atuar como agentes multiplicadores num processo de educação patrimonial. Neste primeiro semestre de 2011 serão desenvolvidas algumas destas parcerias com os governos municipais, entre eles com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Há muitos anos você trabalha com o inventário de peças sacras. O que lhe levou para esse campo de pesquisa?

Como historiadores, necessariamente estabelecemos um envolvimento com a história e a cultura material e imaterial que produz. No entanto, devo ser sincera, informando que minha chegada ao trato com o patrimônio cultural foi, de certa maneira, casual. Como professora de História da Arte da PUCMinas, fui convidada em 2000, pelo prof. Luiz Gonzaga Teixeira, recém-chegado à PUC para o desenvolvimento de um projeto de inventariação do patrimônio cultural da Arquidiocese, para compor a equipe de trabalho. Até então, meu contato com este tema não tinha nada de especial. Na medida em que fui construindo meu aprendizado nesta área, instalou-se em mim uma profunda e inexplicável paixão. Hoje, minha vida é inseparável da luta pela salvaguarda do patrimônio cultural e, em especial, do valioso patrimônio cultural sacro que a Igreja detém.

PEQUENOS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO

| Palácio da Liberdade – Belo Horizonte

O pequeno olhar desta edição encontra-se sobre um dos quatro postes existentes nos jardins do Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte.

No diário oficial de 1913 é possível encontrar a seguinte referência: "Foram inauguradas, em frente ao Palácio da Liberdade, quatro colunas encimadas por águias, sustentando cada uma dois arcos voltaicos. Essas colunas, muito artísticas, e a luz fornecida abundantemente pelos arcos voltaicos, muito vieram concorrer para o embelezamento da formosa praça em que está o Palácio".

A águia pode ser vista simbolicamente como símbolo da força, da grandeza e da majestade. Ao longo da história, o simbolismo da águia foi utilizado por Alexandre – O Grande, pelo Império Romano, por Napoleão Bonaparte, por Hitler e pelos czares russos, entre outros. Está representada no Grande Selo Americano (símbolo do "poder americano"), nas armas do Iraque, na bandeira do México, nos brasões de armas de várias famílias nobres, cidades e países da Europa. É citada na Bíblia, no Corão, na Torá, no Tarô, na Astrologia, Astronomia, maçonaria e outras sociedades secretas. Na mitologia grega, está associada a Zeus, o deus maior do Olimpo; na mitologia germânica à Wotan, o deus maior do Válhalla, e é, para Jung, um símbolo do pai.

Em dois dos postes do Palácio da Liberdade é possível encontrar uma placa da empresa responsável pela sua confecção: "THE J. L. MOTT IRON WKS. N.Y". A empresa foi fundada em Nova York em 1828, na área agora denominada Mott Haven.

BLOCO DE NOTAS

| Começa análise da documentação do ICMS Patrimônio Cultural Exercício 2012

Técnicos da Diretoria de Promoção do Iepha já iniciaram a análise dos cerca de cinco mil documentos enviados ao Instituto pelas prefeituras mineiras interessadas em pontuar no ICMS Patrimônio Cultural – exercício 2012.

Este ano, 703 cidades encaminharam documentação, sendo que oito estão participando pela primeira vez: Douradoquara, Imbé de Minas, Munhoz, Paineiras, Pingo D' Água, São Sebastião da Bela Vista, São Sebastião do Maranhão e Serra do Salitre. Segundo Carlos Henrique Rangel, coordenador de análise do ICMS Patrimônio Cultural, a participação desses novos municípios é muito importante porque aponta que o Iepha vem conseguindo ampliar a conscientização da importância da preservação do patrimônio mineiro.

Os valores do repasse, estimados por ponto, garantem ao município uma verba extra que pode ajudar no orçamento das prefeituras, sendo que, desde o último ano, o mínimo de 50% deve ser destinado para projetos e ações ligados a bens culturais protegidos. Em 2010, o valor por ponto foi de R$ 15.371,00, em média.

As tabelas de repasse dos últimos anos podem ser consultadas no link http://www.iepha.mg.gov.br/component/docman/cat_view/23-legislacao/3307-repasse-de-verba-do-icms-patrimonio-cultural

EXERCÍCIO	VALOR POR PONTOS Média em R$	TOTAL DO REPASSE Em R$
1996	11.977,00	-
1997	17.131,23	9.030.781,46
1998	14.322,00	13.059.563,00
1999	12.457,87	14.131.825,60
2000	17.588,99	16.859.334,35
2001	17.065,13	18.364.967,00
2002	23.928,80	20.954.460,89
2003	17.121,26	24.321.056,15
2004	17.395,78	28.749.378,53
2005	20.680,00	33.962.569,30
2006	18.690,29	37.065166,48
2007	16.920,93	41.184.964,07
2008	16.189,87	48.634.751,46
2009	13.910,00	45.420.055,12
2010	15.371,00	55.324.160,17

Barão de Cocais percorre milênios durante Jornada

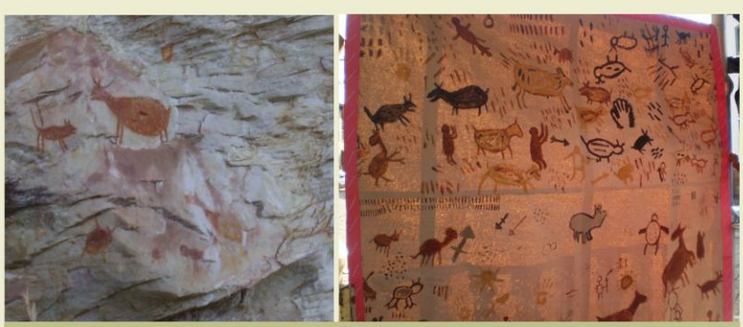
A Jornada do Patrimônio Cultural 2010 em Barão de Cocais criou um verdadeiro mergulho no tempo, da pré-história aos dias de hoje, com uma parada muito bem vinda em um passado bem recente do município.

Estudantes em visita guiada ao Sítio Arqueológico da Pedra Pintada

Entre os dias 6 e 17 de setembro, alunos de três escolas do município participaram de visitas guiadas a dois de seus mais importantes bens culturais tombados para, em seguida, se dividirem no desenvolvimento de trabalhos temáticos. Os estudantes da Escola Municipal José Maria dos Mares Guia, do Centro Municipal de Educação Nossa Senhora do Rosário (ambas localizadas na sede) e da Escola Municipal Alvina Campos (localizada no distrito de Cocais) visitaram o Sítio Arqueológico da Pedra Pintada e o Núcleo Histórico de Cocais. O passeio acabou dando origem a projetos e exposições culturais totalmente criados e apresentados pelos alunos e que encantaram moradores e visitantes.

No Sítio Arqueológico da Pedra Pintada, os alunos observaram os diversos estilos de pinturas rupestres, de mais de seis mil anos, e os minerais que eram usados para sua realização, e conheceram um pouco mais sobre a história, vida e costumes dos primeiros hominídeos – ou homens das cavernas – que habitaram a região. Além disso, eles ainda observaram e registraram dados históricos sobre a área, as características da variada fauna e flora ali preservadas e, por fim, discutiram a importância da preservação do meio ambiente e sua relação com a preservação do patrimônio arqueológico da região.

Esta etapa do passeio deu origem ao trabalho prático desenvolvido pelos alunos do Centro Municipal de Educação Nossa Senhora do Rosário e a da Escola Municipal José Maria dos Mares Guia. A exposição *Pedra Viva Pintada* reuniu painéis e maquetes confeccionados pelos estudantes, revelando sua percepção sobre o sítio arqueológico visitado. A mostra aconteceu em plena Praça Monsenhor Gerardo Magela, uma das mais movimentadas da cidade. "A comunidade cocaiense prestigiou fortemente o evento e conheceu, através das explicações dos alunos, o importante patrimônio arqueológico do nosso município. Os meninos gostaram tanto que faziam questão de explicar tudo na ponta na língua", conta Magda Vital Gonçalves, diretora de Departamento do Patrimônio Histórico Cultural Artístico e Arqueológico de Barão de Cocais.



Alunos reproduziram os desenhos rupestres em painéis que compuseram exposição cultural na praça

Um passado não tão distante

Aos alunos da Escola Municipal Alvina Campos, de Cocais, foi destinada a missão de desenvolver um trabalho prático sobre a segunda parte do passeio, quando percorreram o centro histórico de seu próprio distrito, desta vez lançando um novo e especial olhar sobre cada casarão antigo, cada uma das muitas igrejas e de inúmeros detalhes.

Junto aos coordenadores do projeto, eles percorreram todo o núcleo, coletando informações sobre o patrimônio histórico e cultural local. Após o percurso, os estudantes participaram de ações interdisciplinares envolvendo os conteúdos referentes ao patrimônio material e imaterial do município e desenvolveram uma ação de resgate da história local e regional junto à comunidade por meio de pesquisas e relatos orais. Assim, reuniram alguns dos mais antigos moradores locais na escola para uma entrevista. Participaram do encontro benzedores, contadores de estórias e causos, artesãos, quitandeiras e doceiras, dentre outros. O bate-papo seguiu vários caminhos e chegou, inclusive, à abordagem sobre a ocupação inicial de Cocais pelos tropeiros, seguida pelo crescimento e expansão da Vila de Cocais em decorrência da mineração.

Após a pesquisa histórica e a coleta dos relatos, os alunos elaboraram diversos trabalhos traduzindo um pouco do que aprenderam. Desenhos, narrativas, descrições, poesias, prosas, hinos foram alguns dos resultados expostos em um grande varal cultural no Largo Santana, como um grande convite a toda a comunidade. A exposição, chamada *Cocais Encantado*, atraiu a atenção dos moradores e de vários visitantes e turistas da região.

"A proposta da visita guiada e dos trabalhos e exposições era proporcionar principalmente aos alunos, mas também a toda comunidade, uma oportunidade para que todos conhecessem nossas riquezas e valorizassem nossa cultura local em seus bens e personagens para que todo esse patrimônio esteja protegido de se perder com o tempo", conta Magda Gonçalves.

Moradores antigos falaram de suas memórias aos jovens

Fotos Divulgação Prefeitura de Barão de Cocais

A custódia da Boa Viagem

Tarcísio de Guadalupe Sá Ferreira G.*

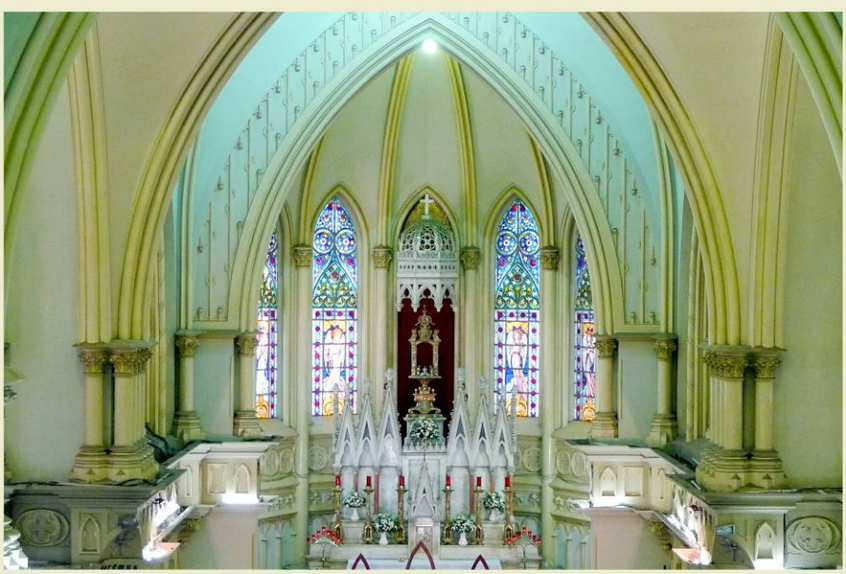
O ano de 1936 foi para Belo Horizonte bastante pródigo em acontecimentos. Aconteceram o II Congresso Eucarístico Nacional, quando foi construída a Praça Raul Soares para ser seu altar e palco; e a Exposição de Arte Moderna, 14 anos após a primeira, que revolucionou as artes no Brasil, e aqui encontrou ambiente propício na literatura e artes. E jogou sementes para o desenvolvimento da arquitetura modernista na cidade.

O II Congresso também nos legou, além da praça, é claro, uma custódia construída para homenagear o acontecimento.

Normalmente uma custódia – ou ostensório – é um objeto utilizado na exposição do Santíssimo Sacramento durante bênçãos e procissões das cerimônias litúrgicas e tem semelhanças com um cálice. É constituído de base, haste e o vaso que, na custódia, dá lugar ao hostiário. Esse, por sua vez, é onde se guarda a hóstia sagrada, dentro de um vidro duplo, com formato circular e ao meio de raionados. Já o sacrário ou tabernáculo é um lugar onde se guarda a custódia e, geralmente, tem duas portas e é constituído de uma peça fixa do altar.

O ostensório e o sacrário da Boa Viagem[1] fogem um tanto quanto desse modelo. Trata-se de duas peças, mas que guardam uma relação unívoca entre elas. Diferentes na escala, já que o tabernáculo acolhe o ostensório, aquele tem 2,08m de altura e 0,63m de largura e esse 0,65m por 0,30m. Deram-lhe o nome: "o brilho do sol eucarístico nas montanhas de Minas". São confeccionados em prata e prata amarela.

O tabernáculo – diferente em tudo dos sacrários convencionais – é uma escultura que faz referências diretas à arquitetura e mobiliário sacros barrocos. Cornijas com frontão interrompido, elementos fitomorfos, anjos, cartelas, curvas e contracurvas, fitas falantes, portadas coroadas com brasões, tudo ali lembra e rende homenagens à arte colonial mineira. Lembremos que o ano é 1936, quando estava sendo construída a ideia de nação e de uma arte nacional, sendo o barroco mineiro o seu mais legítimo representante.



Uma base trifacetada, lembrando pés de castiçais, com cartelas e inscrições alusivas ao estado laico – as armas do Estado e do Brasil –, sustenta um prato circular. Sobre essa espécie de plataforma encontra-se uma réplica em miniatura da portada de da igreja de São Francisco de Assis, de São João del Rei, cujo risco é do Aleijadinho, o artista maior e genuinamente brasileiro, segundo os autores desse projeto de nação.

Izabel Chumbinho / Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de BH

^^ Detalhe mostra o ostensório, que é retirado periodicamente para limpeza

Arrematando, dois medalhões com inscrições que se referem à instituição Igreja – as armas da Santa Sé e do Arcebispado de Belo Horizonte –, que por sua vez são coroados por um outro medalhão de dupla face com as figuras do Sagrado Coração de Jesus e da Nossa Senhora da Boa Viagem. Por fim uma fita falante com o lema de Dom Cabral, primeiro arcebispo de Belo Horizonte, "Per Eucharistiam vivat in nobis Christus".

O ostensório encontra-se no nicho central da peça onde a portada se abre para uma espécie de camarim. Tem, como vimos, a mesma base do tabernáculo que sustenta o ostiário, composto pelo visor de vidro bisotado com formato circular, emoldurado por um aro com pedras semipreciosas coloridas. Dali saem frisos justapostos em forma de raios – o sol eucarístico a que se refere o nome que lhe foi dado.

Detalhe inusitado: em volta dessa peça, na plataforma circular, estão ajoelhados, adorando o Santíssimo, os seguintes personagens: Pedro Álvares Cabral, Tomé de Souza, Padre José de Anchieta, Felipe Camarão, Henrique Dias e Fernão Dias Paes Leme – com o intuito, sem dúvida, de mostrá-los como referência na formação étnica e histórica da nacionalidade brasileira.

E, enfim, a escultura foi parar no altar-mor neogótico da Catedral da Boa Viagem. Igreja edificada no lugar de uma outra, do século 18 , barroca e, portanto, legítima representante da arte que se pretendeu homenagear e que foi demolida para dar lugar "ao novo, ao moderno numa pré-história de Belo Horizonte, a um tempo irreversivelmente perdido".

[1] *Os dados aqui apresentados fazem parte de uma pesquisa para elaboração do verbete "Igreja da Boa Viagem" que irá constar do Guia dos Bens Tombados pelo Iepha com previsão de publicação para este ano. A fonte básica foi Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte, elaborado pela PUC/MG com apoio do Iepha.*

*Pesquisador do Iepha/MG

BEM TOMBADO

Capela de Nossa Senhora do Rosário e Ermida de Santa Efigênia – Sabará

«Impressiona sobremaneira a singularidade da região pela beleza e riqueza da paisagem natural, bem como pela presença dos dois pequenos monumentos religiosos que ali se enquadram em excepcional moldura (...) No interior de uma concha de montanhas recobertas de matas, sobre dois pequenos morros, ficam as duas capelas" – Dossiê de Tombamento.

A Capela de Santa Efigênia – por vezes citada como Ermida (capela pobre em lugar ermo, como o próprio nome indica) – fica em uma colina de frente para a Capela de Nossa Senhora do Rosário, localizada em outra elevação, compondo um conjunto arquitetônico e paisagístico que faz parte das tradições da história de Sabará.

Remanescentes do antigo núcleo de mineração aurífera da Vila de Cuiabá (distrito de Mestre Caetano, em Sabará), as capelas são o pouco que sobrou do povoado extinto. Situadas em colinas de difícil acesso, especialmente para automóveis, e sem população ao redor, as capelas sofreram com a difícil conservação. Com o tombamento estadual, em 1978, vieram trabalhos de restauração e conservação e atenção constante. Mas, ainda assim, a preservação de bens tão isolados era muito difícil. A situação mudou quando todo o terreno se tornou propriedade da empresa mineradora Anglogold Ashanti, que assumiu a manutenção dos dois templos.

O primeiro registro de restauração das construções de que se tem notícia dá conta de que o trabalho durou de 1852 a 1858. Sabe-se ainda que passaram por obras realizadas por um morador da região em 1965. Entretanto, em outubro de 1978, quando foram tombadas, encontravam-se em estado muito precário de conservação. Foram desenvolvidos estudos e projetos para que, em 1984, uma grande obra desse nova vida aos bens. O restauro teve projeto dos arquitetos Éolo Maia (leia mais na página 04) e Jô Vasconcellos e a obra foi conduzida pelo Iepha com mão de obra voluntária da comunidade local. Houve ainda outra obra em 1992, realizada por uma parceria entre Iepha, município e empresa mineradora, a partir de Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) do Ministério Público Estadual.

Atualmente, as capelas estão em excelente estado, graças a uma completa restauração finalizada em meados de 2009. O trabalho – promovido pela empresa proprietária dos bens e com acompanhamento do Iepha – incluiu restauro arquitetônico e revitalização do paisagismo. Hoje, as capelas estão preservadas como referência histórica, mas continuam sem ocupação e uso.

| **ERMIDA DE SANTA EFIGÊNIA** – Extremamente singela e modesta, ela completa o equilíbrio paisagístico, situada em pequena colina oposta à encosta onde se acha a Capela de Nossa Senhora do Rosário. Datada provavelmente do início do século 19, tinha como denominação original Capela de Santa Cruz, segundo uma planta de mineração de 1878.

A fachada é considerada de extrema simplicidade. São três vãos de janela à altura do coro, sendo o do meio uma antiga sineira. À frente da construção, um adro de terra tem uma antiga Cruz dos Martírios, em madeira sobre base de pedra.

Construção em adobe, a capela é de grande pobreza e interior muito rústico, sem nenhum elemento ornamental. Entretanto, conforme destaca o dossiê, "como remanescente de um tipo de construção religiosa de natureza rural, ela documenta o fervor espiritual que animou as populações afastadas das vilas e centros maiores, desde o período de colonização do interior mineiro".

| **CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO** – Construção em adobe, provavelmente datada do primeiro quartel do século 18, a capela é interessante não só por sua inserção paisagística, como principalmente pelas características da talha do altar-mor, exemplar expressivo do momento de transição em que o barroco da primeira fase em Minas começa a evoluir, com a inserção de figuras antropomorfas (anjos) entre motivos decorativos mais tradicionais.

A fachada é muito simples, porém graciosa, com uma sineira no frontão. No acervo, um missal datado de 1756, nove peças de imaginária e vários objetos sacros, como crucifixos e turíbulos.

Fotos Acervo Iepha/MG

Referência: Dossiê de Tombamento da Capela de Nossa Senhora do Rosário e da Capela de Santa Efigênia – Sabará, produzido pelo Iepha/MG

São Brás, bispo de Sebaste e mártir

Ailton Batista da Silva*

Em toda família católica é tradicional a devoção ao bispo São Brás, principalmente para socorrer e curar os problemas referentes à garganta. Este mártir, cujo dia é comemorado em 3 de fevereiro, nasceu nos meados do século 3, na cidade de Sebaste, na Armênia. De família nobre, recebeu de seus pais educação cristã. Formou-se muito jovem em Medicina e era considerado excelente médico. Porém, passou por um período de crise existencial, quando se retirou para o Monte Argeu. Ali fazia penitências e orava, pedindo que também outras pessoas encontrassem a verdadeira felicidade, assim como ele a encontrara em Cristo.

Quando o então bispo de Sebaste faleceu, o povo, reconhecendo a fama do santo eremita, foi buscá-lo para pastor. Por obediência, Brás acabou aceitando ser ordenado padre e, mais tarde, bispo. Logo sua fama se propagou pelo país.

Reprodução

Durante os três primeiros séculos era proibido ser seguidor dos ensinamentos de Jesus Cristo e aqueles que se diziam cristãos sofriam perseguição, eram presos e martirizados. Por inspiração divina, o santo bispo procurou estimular em seus fiéis a firmeza da fé, e se retirou novamente para o Monte Argeu, vivendo numa caverna nas montanhas, usada por animais selvagens. O médico e bispo Brás estabeleceu convivência harmoniosa com os animais, procurando sempre cuidar dos bichos feridos ou adoentados que apareciam por ali.

O prefeito de Sebaste, Agricolaus, querendo agradar ao imperador Licínio, por saber da perseguição ao bispo Brás, mandou prendê-lo e enviou-o para o imperador da Capadócia, na Baixa Armênia. Quando foi preso, Brás disse aos soldados: "Sede benditos, vós me trazeis uma boa-nova: que Jesus Cristo quer que o meu corpo seja imolado como hóstia de louvor".

Como todo cristão convicto de sua fé na época, foi julgado e condenado pelo governador à tortura e decapitação. Durante a prisão no calabouço, o bispo Brás recebeu de amigos duas velas para que tivesse um pouco de luz e calor, daí que em sua iconografia o santo aparece com uma ou duas velas, ou candeias, em cada mão.

Desta passagem ou episódio de sua vida é que segue tradicionalmente o costume da "Bênção de São Brás" – até os dias atuais –, que é dada cruzando-se duas velas sobre a garganta do enfermo ou da pessoa que necessita de uma bênção.

A origem de São Brás receber o título de protetor dos males da garganta, de todos os que fazem da voz um instrumento de trabalho – religiosos, cantores, radialistas, locutores, apresentadores, professores e tantos outros – vem de uma passagem de sua vida, quando ele estava sendo conduzido pelos soldados a caminho do martírio: uma mulher, em lágrimas, trazia o filho no colo sufocado pela espinha do peixe. São Brás colocou a mão sobre a garganta da criança, fez o sinal da Cruz e rezou a Deus por ele, então abriu sua boca e retirou a espinha, salvando o menino.

Bibliografia:

Lehmann João Baptista Na Luz Perpetua, Typ. Do "Lar Catholico",1935,p.100

Oliveira José H. Barros,Santos ao ritmo da Liturgia,Paulus Editora,2010,p.46

Varazze,Jacopo Legenda áurea:vidas de santos,Companhia das Letras, 2003, p.129, 235

Dom Servilio Conti, I.M.C.O Santo do Dia,Vozes, 1968, 61-62.

www.cademeusanto.com.br

* Analista de Gestão Proteção e Restauro da Gerência de Patrimônio Imaterial do Iepha/MG